

Os bons companheiros

Homem gosta mesmo... de homem!

Certamente você já presenciou momentos de intensa alegria vividos por seu companheiro. Muitas dessas lembranças estão indelevelmente atreladas ao olhar maroto e àquela satisfação quase orgástica, por ele experimentada, quando a beija distraído e sai apressadamente com a inocente desculpa de encontrar os amigos num bar.

Seguem-se breves momentos de angústia e reflexão. Enquanto você se corrói de inveja, ciúme ou desconfiança, lá vai ele alegremente, mãos no bolso, como um passarinho que saiu da gaiola ou, diriam nossas avós, um pinto no lixo. De duas, uma: ou a criatura realmente se encaminha para o encontro selecionando piadas, pequenas sacanagens e grandes proezas para compartilhar com a turma... ou está de sacanagem, realizando a proeza de encontrar com alguma sirigaita, transformando você e seus nobres sentimentos na piada da vez.

Pensemos positivo; fiquemos, pois, com a primeira opção. Nesses sagrados momentos em que os machos se encontram para dar vazão a seus instintos primevos, graças aos céus suas mulheres não têm vez, sendo poupadas por algum ser misericordioso.

Sim, porque, se recordar é viver, eles reviverão pela milionésima vez lances “inesquecíveis” da mais insignificante pelada (e da pelada mais insignificante também – “aquela”, da mais recente e cobiçada capa de revista masculina). Falarão de carros velozes, de chefes desprezíveis

e de funcionárias gostosas. Pois tudo isso, no misterioso e confuso mundo dos homens, é prova cabal de suas extra-ordinárias existências. Enquanto isso...

Enquanto isso, vestimos nossas carapuças de mulheres de Atenas (aquelas sofredoras, cantadas em versos por Chico Buarque), mães responsáveis e rainhas do lar. Brigamos com as crianças, chutamos o gato, deixamos queimar a comida, recorremos ao telefone para choramingar nos ouvidos de nossas mães ou de nossas melhores amigas por todas essas mazelas, numa desagradável tentativa de compartilhar com elas a infeliz condição feminina. Certo? Erradíssimo, caras colegas de sina e de profissão. Afinal, também somos filhas de Deus e temos direito à liberdade, à igualdade e à fraternidade.

Boa sugestão, nesses momentos de aflição, é respirar fundo, tomar um chá de camomila, acender uma vela para Santo Antonio e dele tomar satisfações. Melhor ainda: cair no mundo, com ou sem companhia, aproveitando a oportunidade rara de desfrutar de um tempo exclusivamente seu. Neste caso, amiga, recomendável é que fiquemos com a segunda opção.

Já imaginou? Ver vitrine no shopping até não mais poder; experimentar vinte pares de sapatos e sair da loja, cabeça erguida, levando todos – ou sem comprar nenhum; assistir, no escurinho do cinema, àquela comédia romântica à qual ele não vai nem arrastado; tomar um sorvete gigantesco (e usá-lo como pretexto para pular cedo da cama e empreender uma saudável caminhada, sem ter de aturar os efeitos da ressaca masculina do dia seguinte).

Se contamos com a cumplicidade de uma boa com-

panhia feminina, ah, perfeito! Feito adolescentes, nos permitimos vivenciar momentos de pura frivolidade e entusiasmo insensato, que podem culminar em gargalhadas e até risinhos histéricos, aquele periquiteio que chama a atenção dos homens quando reunidos em suas alcatéias.

Não importa o tema: homens bonitos, trabalho, filhos, empregada, projetos pessoais, uma nova tintura para os cabelos. Até mesmo brigas, desaforos ou pendengas, tudo ganha um colorido especial nesses momentos de total descontração. Comentamos sobre algo terrível que o “cachorro” nos fez – nem sempre nos referindo ao animal de estimação. Lavamos e enxaguamos a alma e voltamos para casa esvaziadas, sem a mínima disposição de pegar no pé de quem quer que seja.

Renovamos nosso estoque de histórias para compartilhar com a família por dias a fio. Diversão não é pecado; assim, cada qual tem sua porção de novidades para contar à mesa; é o tal veneno antimonotonia.

Companheirismo não implica ter de fazer tudo junto, até porque certos gostos masculinos/femininos revelam-se totalmente incompatíveis. Ainda não encontrei marido capaz de levar a sério a escolha de um espremedor de batatas ou de um escorredor de talheres, às vezes importantes para nós. Em geral, somos bem mais tolerantes quando a diversão recai sobre a compra de iscas para pesca, um par de chuteiras ou um jogo de tapetes para o carro.

Podemos criar interessantes parcerias mantendo um interesse comum sob enfoques diferentes. Meu companheiro, motoqueiro apaixonado e audacioso como todo escorpiano, apreciava a motorização, o desempenho, a

velocidade do veículo. Eu, virginiana prudente (para não dizer medrosa), arriscava meus palpites quanto a cor, o conforto, o design, capacetes, blusões de couro e outros adereços. Tínhamos um acordo: passeios somente aos domingos de manhã, com a cidade vazia, em velocidade de cruzeiro. Assim convivemos bom tempo, curtindo cada qual o seu bocado em torno do “nosso brinquedo”.

É sempre interessante aprender um pouco sobre os passatempos favoritos do parceiro, sejam eles modelismo, futebol, cachaça ou pólo aquático. Ao compartilhar conhecimentos, descobrimos novos prazeres e tornamos parte de sua “turma”, emitindo opiniões por vezes abalizadas e sempre respeitadas. Ampliamos nosso modelo de mundo e somos capazes de compreender aquelas bizarras paixões que, em certos momentos, adquirem maior importância que o amor que nos une...

A questão do companheirismo invoca uma outra: a da privacidade. São momentos imprescindíveis para que cada um possa recarregar suas baterias. Quando vulneráveis à opinião, à presença ou ao simples olhar do outro, há quem necessite mergulhar fundo em sua individualidade para resgatar a própria identidade. Respostas evasivas e/ou apáticas servem de termômetro para medir o calor da relação ou o quanto estamos sendo tragados pela forte personalidade da cara metade.

Todos podemos eleger momentos de privacidade; isso não requer que o outro seja excluído de seu espaço, seus gostos ou de sua vida. Já ouvi de sábias mulheres, mestras em relacionamentos duradouros, que nunca – em tempo algum, jamais!! – se depilaram, tingiram seus cabelos, usaram máscaras de pepino, lama ou equivalente dian-

te de seus amados. O que demonstra, através dos resultados positivos obtidos, que nem tudo precisa ser compartilhado, principalmente quando homens e mulheres representam universos tão distintos.

Há que se respeitar o que é sagrado: eu, por exemplo, não reparto cosméticos, perfumes nem roupas. Meu parceiro, um pouco mais generoso, não se importa que eu use suas meias ou uma camiseta para dormir; aparelho de barbear, no entanto, é questão de honra: ai de mim se, “por acaso”, usar um dos seus para depilar as pernas... E estamos conversados.

Quem encontra dificuldades para se aventurar em um programa só seu, pode estar se perguntando: mas, com quem deixar as crianças? Elementar, minha cara: com ele!!! Da mesma maneira que o companheiro é capaz de administrar tudo quando você se ausenta por motivos profissionais ou assistenciais, também está apto a segurar a barra para que você possa curtir a vida e desfrutar seus momentos de alegria e prazer. Organize-se e crie seu “oásis particular” sempre que sentir necessidade.

Apenas não se apegue a rotinas (do tipo “terça-feira é meu dia”), porque os imprevistos e os reveses do tempo podem gerar frustração; lembre-se também de que ninguém se diverte por obrigação. Nem faça seus passeios por vingança (olho por olho, toma lá dá cá); apenas desfrute. Vale mais a intensidade que a quantidade; aqui também o planejamento é fundamental para se alcançar o resultado prazeroso almejado.

Considere estas sugestões; são válidas para que você possa compartilhar os mistérios, as delícias e as chatices

da vida a dois. Senão, você corre o risco, a exemplo de nossas avós, de acreditar nos tais “privilégios masculinos”, nas “coisas que só os homens podem fazer”. E perder a oportunidade de descobrir e compartilhar certas molecagens femininas que fazem tanto bem à alma.

Não se preocupe se ele parecer mais feliz e descontraído na companhia dos parceiros de copo e de farra. **Acredite: homem gosta mesmo de mulher...**

Testando sua Privacidade

- De quanto tempo você dispõe para fazer “as suas coisas” (diariamente, semanalmente, mensalmente) ?
- Você faz compras sozinha, sem pedir a opinião do parceiro?
- Mantém amizade/se relaciona com pessoas do sexo oposto?
- Sai com amigos/amigas sem levar o parceiro a tiracolo?

Testando sua cumplicidade

- Que coisas você acha que não compartilha de jeito nenhum? Estaria disposta a compartilhá-las?
- Quais os últimos convites que o parceiro lhe fez e você não aceitou? É capaz de reavaliar tais situações, encontrar motivação que a leve a participar?
- Você é capaz de perceber claramente a mudança de

gostos/escolhas do seu parceiro? Aceita facilmente e participa dessas “novidades”?

Coisas para se fazer juntos (ou não...)

Apresentamos a seguir uma lista de sugestões. Experimente compartilhá-las com seu companheiro e depois registre quais as possibilidades agradáveis (S= sim) e quais as que causam conflitos, deveso, pois, ser evitadas: (N=não).

- Compras para o lar (supermercado, utilidades domésticas, material de conservação e reforma) - S N
- Compras de interesse dele - S N
- Compras de seu interesse - S N
- Compras para os filhos (roupas, presentes, material escolar, etc.) - S N
- Presentes para amigos - S N
- Práticas esportivas - S N
- Assisitir TV - S N
- Ouvir música - S N
- Ir ao cinema - S N
- Ir ao teatro - S N
- Visitas a parentes (inclui sua mãe e a dele...) - S N
- Visitas a hospitais e maternidades - S N
- Festas infantis - S N

- Festas com a “turma” (de infância, da faculdade, do trabalho, da academia, do curso de inglês, etc.) S N
- Festas familiares (casamentos, batizados, aniversários, formaturas, etc.) - S N
- Programas culturais e sociais (saraus, lançamentos de livros, inaugurações, coquetéis, etc.) - S N
- Trabalhos assistenciais - S N
- Cultos religiosos - S N

Sem lenço, sem documento

Casamento sem contrato: isso funciona?

Vem de longe a idéia de que casamento implica, necessariamente, um contrato. Desde a Idade Média, a realeza tinha por hábito somar fortunas, comprometendo seus filhos sem levar em conta sentimentos e gostos pessoais, negando-lhes o direito de escolha. O costume se estendeu para a nobreza e, por incrível que pareça, persiste até a realidade plebéia de nossos dias.

Atualmente ainda existem uniões programadas entre pessoas de mesma raça, nacionalidade ou credo religioso por parentes, amigos e até “casamenteiros profissionais”, que vivem criando combinações entre jovens casadoiros de um mesmo nível sócio-econômico. A alegação mais comum é a de que pessoas com modelos de vida semelhantes têm maior chance de um relacionamento bem-sucedido.

“Se casamento fosse bom não precisava de testemunha”, apregoa um velho ditado popular. Será verdade? Geralmente os instrumentos legais primam por deixar claro como será feita a partilha em caso de separação – o que inclui a morte, separação irrevogável.

Contratos de casamento, independentemente do regime adotado (que, pelo novo Código Civil, pode ser modificado a qualquer momento da união, de comum acordo entre as partes, mediante aprovação judicial), representam a mesma coisa: estabelecem objetivamente direitos e de-